

A GEOPOLÍTICA SANITÁRIA: PANDEMIA, *APARTHEID* VACINAL E DESIGUALDADE GLOBAL

Samuel de Jesus¹

Resumo

O presente texto possui como objetivo analisar aspectos da política internacional envolvendo a produção e distribuição de vacinas pelos países centrais como Estados Unidos, pelos países da Zona do Euro e pelos países em desenvolvimento, como a Índia e novas potências, como China e Rússia, e suas implicações para o Brasil. Sobretudo verificar a existência de *apartheid* vacinal e aspectos de uma geopolítica da vacina, envolvendo países desenvolvidos, em desenvolvimento e periféricos.

Palavras-chave: Política internacional; geopolítica da vacina; pandemia.

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de uma década, na Síria, a guerra civil gerou um grande êxodo. Populações rumaram para a Europa a pé ou através de embarcações precárias; chegavam inúmeros contingentes de imigrantes transpondo as fronteiras e gerando uma crise humanitária que chocou o mundo em tempos de globalização. O fechamento da Europa a estes refugiados demonstrou, sobretudo, a xenofobia que fortaleceu os grupos de extrema-direita na Polônia, na Hungria, na Áustria, na Itália, na França (lembrando que as ações extremistas sempre se iniciam a partir de atos de intolerância dos liberais de direita).

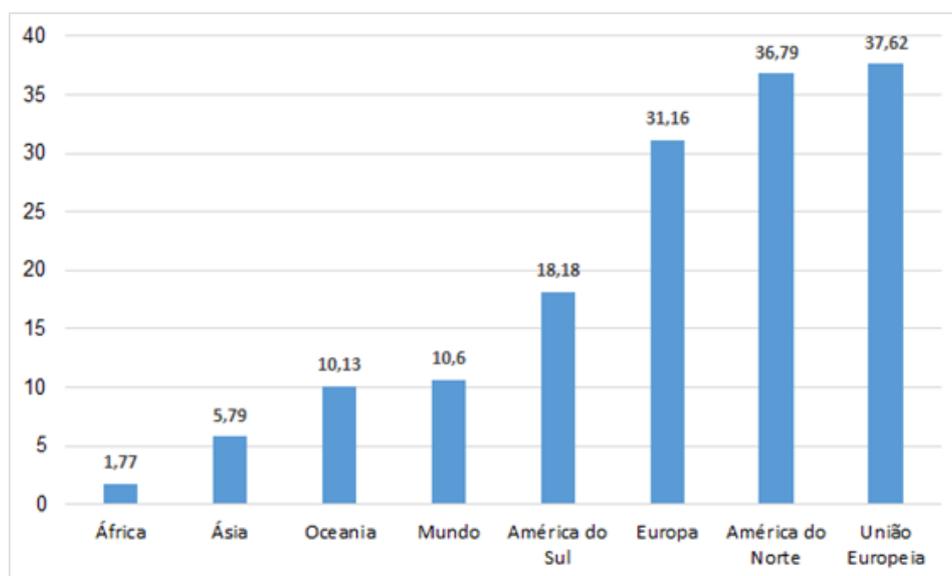
Na fronteira entre Estados Unidos e México, os filhos dos peregrinos, que tentavam atravessar a fronteira, para adquirirem um naco do “*sonho americano*” - foram separados de seus pais e colocados em jaulas como animais: as imagens viralizaram. Nos EUA o fortalecimento dos grupos de extrema-direita (neonazistas, neofascistas, supremacistas brancos) se reúnem em marcha rumo a Charlottesville para impedir a derrubada da estátua, pelo movimento negro, de um, sabidamente, escravista e herói local. A pandemia do coronavírus vitimou, fatalmente, milhões de

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UNESP, professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Faculdade de Ciências Humanas campus de Campo Grande - MS e autor do Livro “A Projeção Estratégica e Militar do Brasil entre 2008 e 2016” pela Editora UFMS, 2021.

cidadãos no mundo e ampliou as desigualdades: nos países ricos; vacinas perdiam o prazo de validade, enquanto dois terços do planeta nas regiões mais pobres ainda - não tinham recebido a primeira dose, dentre eles, as ex-colônias europeias na África.

APARTHEID VACINAL

Observatório das Desigualdades destacou o termo *Apartheid vacinal* no mundo mencionado por Tedros Adhanom — diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) - ao se referir à desigualdade mundial na distribuição e aplicação de vacinas. De acordo com as informações disponibilizadas pela OMS, países centrais possuem 45% das vacinas produzidas e os países mais pobres 17%. A União Europeia e a América do Norte (Canadá e os Estados Unidos) aplicaram mais vacinas do que qualquer outro lugar no mundo.



Fonte: Our World in Data/Observatório das desigualdades.

O gráfico mostra este *Apartheid vacinal*, pois podemos observar, destacadamente no presente gráfico, que Europa, América do Norte e União Europeia superam a vacinação dos demais continentes, inclusive a vacinação mundial que está em 10,6%. Questões urgentes como a quebra de patentes, como a renúncia temporária dos direitos à propriedade intelectual de vacinas, e, inclusive tratamento e testes, não foram aprovadas, o que coloca o mundo nas mãos das farmacêuticas (empresas multinacionais que detém estas patentes). Desta maneira,

as farmacêuticas determinam o preço a ser pago pelas vacinas. Os países com poucos recursos compram menos vacinas:

A África do Sul pagou mais que o dobro do que o que foi pago pela União Europeia pela vacina da AstraZeneca com um quantitativo de doses menor de que precisaria. Hoje temos a União Europeia com 37,62% da população vacinada, enquanto a África do Sul tem 1,08%. Isso vai refletir em outros países também. (FONSECA & COSTA, 2021).

Os países ricos que, em termos populacionais, representam 14% da população mundial, compraram 53% do estoque global de vacinas e, em alguns casos, três doses para cada um de seus cidadãos. O Canadá possui cinco doses para cada habitante. Já as populações dos países pobres somente um a cada dez habitantes terá acesso à vacina até o fim de 2021. A previsão é de que os países pobres somente serão imunizados totalmente em 2023 ou 2024.

A questão envolvendo a propriedade intelectual, e a reivindicação por sua quebra - é uma questão chave, reflexo mais nítido da desigualdade mundial na distribuição de vacinas. “Índia e África do Sul lideram o apelo à Organização Mundial do Comércio (OMC) para que sejam suspensas, temporariamente, as patentes relativas ao imunizante e aos insumos para o combate à “covid”. Com os investimentos bilionários de dinheiro público em laboratório privado, as nações mais ricas são as mais interessadas e defensoras do regime de patentes, o que caracteriza monopólio e avidez por lucro frente a uma pandemia global. O Brasil é o único país periférico que não defende a quebra de patentes das vacinas produzidas nos países centrais. (cfr. SUÑE & DEL PRETTI, 2021).

O Brasil deveria estar ao lado dos mais de 100 países que endossam esta proposta junto à OMC. Em termos de vacina, além do fim das patentes, também devemos apostar na iniciativa Covax Facility, coalizão de mais de 160 países na Organização Mundial da Saúde (OMS) para que haja uma distribuição justa e equitativa das vacinas no mundo. (SUÑE & DEL PRETTI, 2021).

Os Estados Unidos não pensaram em produzir vacinas para imunizar o mundo ou possibilitar o seu uso universal, mas na remuneração que elas poderiam gerar: pensaram apenas em uma vacina capaz de imunizar um grupo pequeno ou até mesmo um só indivíduo, e em desenvolver tecnologias e obtenção de royalties, o

que (valorizaria) ampliaria o seu valor comercial. A produção da vacina cria uma *venda casada* de produtos que envolvem a produção, o armazenamento, a distribuição, aplicação e descarte. Os EUA possibilitaram que seus aliados preferenciais tivessem acesso à vacina, sem o propósito de distribuí-la para controlar globalmente a pandemia. Vide o Caso de Israel que “cobriu praticamente toda a sua população com vacinas da Pfizer e da Moderna, mas dificultou o início da vacinação nos territórios palestinos de Gaza e Cisjordânia”. Isto ocorreu também com a China que deu apoio à Turquia utilizando a Sinovac (matriz da Coronavac), assim como o Chile.

A vacina está sendo usada no jogo geopolítico como um instrumento de aumento de influência e intervenção. “China e Rússia como desenvolvedores e produtores de algumas das principais iniciativas de vacinação (Sinopharma, Sinovac/Coronavac, Sputnik V, entre outras) e Índia e Brasil como grandes centros de fabricação (Coronav pelo Butantã, AstraZeneca pelo Serum indiano e pela FioCruz no Brasil)”:

O ponto positivo da atual conjuntura é que, apesar da fragilidade do governo brasileiro, o país não ficou totalmente de fora do jogo, realizando testes e participando de consórcios importantes para a primeira leva de alternativas de vacina. Isso não significa negar o óbvio: a situação sanitária e a economia da vacina foram não apenas negligenciadas, mas sabotadas pelo atual governo, resultando em perdas de vidas imediatas e atraso no desenvolvimento relativo do país. (SEREZA, 2021).

Na pandemia, algumas corporações lucraram bilhões, porém, segundo pesquisa do SEBRAE, dez milhões de empreendimentos tiveram que interromper suas atividades totalmente ou parcialmente. Porém, o número de grandes empresas que lucraram e cresceram durante pandemia é surpreendente; por exemplo, a Amazon, empresa multinacional de comércio *on line*, também empresas como Ifood, Rappi e UberEats aumentaram seus pedidos, aproximadamente em 30%. A pandemia concentrou renda, pois muitos bilionários viram crescer ainda mais sua fortuna acumulada:

No dia 10 de setembro, a Oxfam lançou o relatório “Poder, Lucros e Pandemia” mostrando como os 25 maiores bilionários do mundo aumentaram sua riqueza em U\$ 255 bilhões nos três primeiros meses da pandemia (de março a maio de 2020). **(Crise para quem? Grandes corporações lucraram bilhões durante a pandemia.** In: OXFAM, 21.09.2020).

A renda média do brasileiro ficou abaixo de R\$ 1.000 (mil reais) durante a pandemia e ainda, segundo a pesquisa “Bem-Estar Trabalhista, Felicidade e Pandemia”, do Centro de Estudos FGV Social, isto ocorreu somente há dez anos atrás.

O levantamento aponta que a renda média per capita chegou a alcançar o maior patamar da série no primeiro trimestre de 2020, mas despencou 11,3% em menos de um ano com a chegada da pandemia”. Ou seja, “Caiu de R\$ 1.122,00 para R\$ 995,00, na comparação do primeiro trimestre deste ano com igual período em 2020”. Em relação ao mercado de trabalho: “a média da renda individual do trabalho caiu 10,89% no primeiro trimestre de 2021 em comparação com o mesmo período do ano passado”. Sobretudo: “Entre os mais pobres, esse percentual chegou a 20,81%. É uma queda quase duas vezes maior do que a da média”. (FGV: **renda do brasileiro fica abaixo de R\$ 1 mil pela primeira vez em dez anos.** In: IG Mail Economia/Agencia Globo: 16.06.2021).

Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, no dia 17 de maio de 2021, afirmou:

Os países de alta renda respondem por 15% da população mundial, mas têm 45% das vacinas, e os de rendas média e baixa somam quase metade da população, mas recebem apenas 17% das vacinas mundiais, então a lacuna é realmente enorme. (ADHANOM *Apud.* ALEXANDRAKIS, 2021).

Nos Estados Unidos, Hospitais jogaram fora doses de vacina por falta de ‘público-alvo’. Foram distribuídas 22 milhões de doses em hospitais e farmácias, porém, apenas 6,7 milhões de pessoas se vacinaram. Isto se deveu ao fato de os Estados Unidos não contarem com um sistema único de saúde; assim, foi gasto muito tempo para alcançar as pessoas ou para que as pessoas soubessem onde e como se vacinar, para monitorar e mapear, de modo a obter informações sobre o grupo prioritário. O New York Times afirmou que mais de um milhão de vacinas foram jogadas no lixo desde dezembro de 2020, 110 mil doses foram jogadas fora, no Estado da Georgia: Nova Jersey: 53 mil, Ohio: 370 mil doses, Maryland: 50 mil. (“EUA jogaram mais de um milhão de doses de vacina no lixo, diz NYT”. In: PODER 360, 02.08.2021).

Quando falamos em vacinação é isto que ocorreu no mundo, ou seja, dois terços da população mundial sequer tomaram a primeira dose; no entanto, os países ricos jogaram vacinas no lixo, deixaram o prazo de validade expirar e, apesar de seu poderio econômico, não tiveram capacidade de fazer uma doação global de seu enorme estoque de vacinas antes do prazo de vencimento.

GEPOLÍTICA DA VACINA

Estas disputas geopolíticas envolvendo a vacina criaram uma atitude inconveniente em tempos pandêmicos: a exclusão de algumas vacinas por questões de poder de influência, enquanto as vacinas dos Estados Unidos venciam seu prazo de validade; e pelo fato dos países ricos contarem com uma população de, aproximadamente, 14% e terem garantido mais de 50% das vacinas produzidas no mundo.

Algumas vacinas foram marginalizadas pela comunidade europeia, como por exemplo, a vacina russa Sputnik V. Os seus criadores manifestaram-se publicamente acusando Thierry Breton, comissário europeu, de preconceito contra a vacina russa por este afirmar que a União Europeia não precisava dela. Como isto foi possível em um momento em que a aplicação de vacinas estava atrasada na Europa e as pessoas precisam ser imunizadas contra um vírus mortal, em uma pandemia global?:

Breton, responsável pelos aspectos industriais da fabricação de vacinas contra a covid-19 na UE, afirmou na emissora francesa TF1 no domingo que os europeus "não dependem da Sputnik V de forma alguma", já que outros imunizantes estão homologados. "A Sputnik V é uma vacina complementar, temos 350 milhões de doses", declarou o comissário europeu do Mercado Interno, acrescentando que "os russos têm dificuldade para fabricá-la e (que) sem dúvida terá que ajudá-los". ("Criadores da vacina russa Sputnik V criticam 'preconceito' de comissário europeu". In: Estado de Minas/AFP: 22.03.2021).

Em resposta a uma pressão do Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom, que criticou duramente o nacionalismo das vacinas promovido pelos países ricos, o presidente estadunidense Joe Biden anunciou, em 17 de maio de 2021, a doação de, aproximadamente 20 milhões de doses da Pfizer, Moderna e Johnson & Johnson a outros países. Foram distribuídas através do

consorcio internacional Covax Facility, da OMS (Organização Mundial da Saúde). Também foi anunciada a distribuição de 60 milhões de doses da vacina AstraZeneca. Disse Biden: “Nossa nação será o arsenal de vacinas para o mundo”. Os EUA são os maiores produtores da vacina no mundo, tinham compartilhado apenas 1% de suas vacinas com os demais países ao contrário de países como Rússia e China e Índia que exportaram uma margem considerável de sua produção. Atitudes como a dos Estados Unidos fizeram com que a imunização global demorasse a ocorrer devido ao fato de reterem vacina e exportarem muito pouco de sua produção.

Sobretudo, esta atitude, do ponto de vista dos EUA, fez reduzir a sua influência global em tempos de pandemia. Sobretudo a desigualdade na distribuição de imunizantes impede a retomada da economia mundial e, como nação industrializada, sua economia sofreu abalos nas trocas com países pobres, exportadores de commodities, e que compram seus produtos industrializados. (cfr. ALEXANDRAKIS, 2021).

A grande ironia é que, apesar de todo o aporte econômico da zona do Euro, a notícia em novembro de 2021, depois de um ano e oito meses, a Europa voltou a ser o epicentro do coronavírus no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS. Ao lado da Ásia, a Europa possui dois terços de casos no mundo e metade das mortes mundiais: Alemanha, Eslováquia, Croácia, Eslovênia, Grécia e Ucrânia foram os países recordistas em casos de contaminação por covid 19 desde o início da pandemia, em 11 de março de 2022.

Entre outubro e novembro a Europa teve um crescimento de 55% nas infecções por covid. A Rússia teve um número recorde de óbitos e a previsão segundo a OMS é de 500 mil mortos em fevereiro de 2022. (cfr. BERTONI, 2021).

Sobre isto, disse o Diretor da OMS, Sr. Hans Kluge:

Estamos em um outro ponto crítico de insurgência pandêmica. A Europa está de volta ao epicentro da pandemia, onde estávamos há um ano. A diferença é que hoje nós sabemos mais e podemos fazer mais. Nós temos mais ferramentas e meios para mitigar e reduzir os danos a nossa comunidade e sociedade.

A internação de idosos, acima de 65 anos, aumentou 75%. Segundo Kluge, da OMS, no final de 2021, aproximadamente 43 países poderiam ter enfrentado a falta de leitos em hospitais. Essa expansão da covid ocorreu na chegada do inverno europeu, o que é um fator preocupante, pois as pessoas se concentram mais em locais fechados e isto facilita muito a propagação do vírus. A Europa possuía até novembro de 2021, aproximadamente 59,9% da população que tomou a primeira dose, enquanto no Brasil esse número atingiu mais de 72,7%.

Ainda, segundo Kluge, isto ocorre por existir um relaxamento das medidas preventivas como o uso de máscaras. Isto se deve à ação dos grupos anti-vacinas, pessoas que se recusam a tomar a vacina e rejeitam o uso de máscaras ou de qualquer medida preventiva contra a covid. O mesmo ocorre nos Estados Unidos. Parece irônico.

Os países que possuíam maior poderio econômico, que tinham garantido 50% das vacinas produzidas no mundo, já, de largada, em 2020, não alcançaram a imunização completa de sua população devido à ação de negacionistas, no geral, da ignorância de parte da população que se recusou a agir coletivamente, impondo o seu substrato de liberdade, - para ser mais exata, a sua libertinagem - e tentativa de corromper o discurso científico, ou aconselhamento dos médicos para que todos adotassem medidas preventivas no uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social. Muito diferente, por exemplo, do Brasil, pois 90% da população apoiou integralmente a vacinação e apesar do país ter largado atrás na vacinação, em dezembro de 2021 o Brasil se aproximou dos Estados Unidos e já ultrapassou a Europa, pois 60% de sua população fora, totalmente, imunizada. (cfr. BERTONI, 2021).

MOVIMENTO ANTIVAX

Atualmente, o movimento anti-vacina constitui-se em uma ameaça global, sobretudo agravada pelo extremismo religioso, instabilidade política, sobretudo com a ascensão da extrema-direita, as *fakes news* que podem comprometer campanhas de vacinação em massa.

Em 2021, na França, as pessoas falsificaram atestados, depredaram postos de saúde e protestaram contra as medidas restritivas. Foram seis postos de vacinação atacados na França, assim como locais de testagem da covid 19. Existem redes que falsificam atestados de vacinação, pois desde o dia 21 de julho de 2021 é exigido passe sanitário para entrada em hospitais e para viagens de longa distância em trens e aviões, shows, bares e restaurantes; aproximadamente quatrocentas pessoas obtiveram documento falso. As passeatas antivacinação chegaram a reunir duzentas mil pessoas. Em alguns cartazes estava escrito: *Covid 19, fraude mundial.*



Foto: Alain Jocard AFP/Getty images.

Antes da pandemia, as universidades e os cientistas sofriam com as ações coordenadas, cujo objetivo antidemocrático era destruir sua reputação. O fato é que a pandemia de coronavírus mudaria isto. Desesperadamente, a sociedade recorreu aos cientistas para buscar respostas, informações, o antídoto. Da noite para o dia, médicos sanitaristas, virologistas e divulgadores científicos ganharam um espaço fabuloso na mídia. Os Institutos e Universidades Brasileiras tornaram-se aliados da sociedade brasileira.

Porém os ataques à comunidade científica não pararam, avançou a política negacionista do poder de plantão. Os Institutos Butantan em São Paulo e a Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro estiveram à frente da produção da vacina em parceria com o instituto chinês Sinovac, e a Fiocruz com a Oxford Astrazeneca. No debate público e no consciente coletivo a imagem da academia foi restituída contra

uma campanha de ódio que visava neutralizar a universidade e sua verve sempre crítica ao poder.

O Sistema Único de Saúde era sempre atacado, os liberais pró-mercado diziam (e ainda dizem) ser de péssima qualidade, outros que deveria ser extinto. Porém, com a pandemia, o SUS foi importante para o combate ao vírus. Os Estados Unidos, por exemplo, não contavam com um sistema de saúde público semelhante e isto possibilitou o avanço do contágio entre os estadunidenses. O fato de ter um sistema de saúde público foi essencial no momento de uma pandemia. Além dos recursos disponíveis para a compra de respiradores artificiais, EPIS e demais equipamentos necessários aos profissionais de saúde, o sistema conta com uma logística já estruturada, um programa de imunização, prevenção, informação, educação.

O posto de saúde do bairro, da cidade, possui uma ligação com a comunidade, possuem informações sobre os seus moradores, de modo que podem identificar quem faz parte do grupo de risco, quem necessita da vacina. Neste momento, imaginamos de maneira ingênua que a pandemia poderia ter criado uma rede de solidariedade global, a conscientização sobre a necessidade do gasto público com saúde e o combate às desigualdades sociais, a retomada de um Estado de Bem-estar Social, distribuição de renda.

A constatação sobre a importância do setor público: dos funcionários públicos e das instituições públicas. No Brasil, a pandemia também ampliou as desigualdades. Foi exatamente durante a pandemia que se tentou votar a Reforma do Funcionalismo Público que retira direitos dos servidores públicos, ocorreu a pressão do mercado para a manutenção do teto de gastos que congela os recursos para a área de saúde por 20 anos. Na pandemia ocorreu a elevação do preço de alimentos, combustíveis, aluguéis, energia e água, que tiveram reajuste recorde, o que fez com que milhares de pessoas fossem morar na rua em plena pandemia.

Em 2021 com o início dos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito foram revelados documentos e mensagens eletrônicas comprovando a demora na resposta à Pfizer, isto sem contar a oposição do governo federal à vacina Coronavac

produzida pelo Instituto Butantan de São Paulo com o laboratório chinês Sinovac. Posteriormente, foram revelados documentos que indicam a rejeição da vacina russa Sputnik V, pelo governo brasileiro, devido à imposição da Administração Trump nos Estados Unidos e corroborado pela administração Biden (2021-2025).

A Comissão Parlamentar de Inquérito da covid revelou que os militares que ocupavam os cargos chave no Ministério da Defesa estavam envolvidos com a compra superfaturada de vacinas indisponíveis ou que não existiam. Foi o caso dos 400.000.000 de vacinas da Pfizer. A CPI afirma que o esquema envolvia empresas de fachada que faziam a suposta intermediação entre o Ministério da Saúde e os laboratórios fornecedores. Os militares que ocupam posições chave no Ministério da Saúde, responsáveis pela negociação, foram convocados pela CPI e tiveram que se explicar.

O abismo das desigualdades ganhou amplitude parecendo uma boca enorme que vai devorando os mais vulneráveis. O número de pessoas em situação de rua aumentou vertiginosamente, a insegurança alimentar alcançou 50% dos brasileiros de forma leve, moderada e no caso de 19 milhões, grave. Nas periferias brasileiras se morre mais de covid-19 que nos bairros nobres ou de classe média, ainda assim estes são mais vacinados que os moradores periféricos. Os indígenas, as populações afrodescendentes, quilombolas e as mulheres foram os mais atingidos, o que caracteriza a natureza sindêmica da pandemia, ou seja, o maior risco de contaminação ocorre nos grupos étnicos e de gênero. Ao longo do texto analisaremos mais detalhadamente a desigualdade pandêmica e seus fatores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos o período de pandemia da covid-19 que a geopolítica ganhou outro enfoque, algo muito distinto das preocupações que acometiam os estados e seus governos; dentre eles, assuntos como terrorismo, narcotráfico, guerra cibernética, crise econômica global, a volta da guerra fria. De forma surpreendente a saúde passou a figurar em primeiro lugar nas preocupações mundiais. As disputas ideológicas, mercadológicas, cibernéticas convergiram instantaneamente para a crise sanitária.

No campo das ideologias surgiram embates envolvendo informação e desinformação traduzidas nos movimentos negacionistas, dentre eles o movimento antivacina ou antivax, que iam às ruas pelo direito de não tomar a vacina. Algo perigoso, pois o combate ao vírus exigia a vacinação de pelo menos 80% da população. Isto sem contar a desinformação sobre as falsas medicações preventivas como o uso de cloroquina, defendido pelo então presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Este chegou a dizer que o uso de desinfetantes por via venosa combateria o vírus.

Observamos uma corrida dos grandes laboratórios dos países centrais para a invenção da vacina, desde Estados Unidos como a vacina da *Moderna* e da *Johnson & Johnson* que poderiam dar a reeleição a Donald Trump em 2021. A vacina russa *Sputinik V*, foi rejeitada pelo Brasil, cujo governo acatou a determinação de Washington de não adesão, o que também foi feito pela Europa Ocidental. A vacina chinesa *CoronaVac* foi rejeitada pelo governo federal do Brasil, apenas adotada pelo Governo do Estado de São Paulo.

Ter a vacina significou proeminência geopolítica. Ironicamente, ter a vacina não significou ter a imunidade de sua população alcançada, pois apenas 60% dos estadunidenses tomaram a vacina até 2021 e igualmente na Europa com as vacinas dos laboratórios AstraZeneca e Sputnik V. Novas ondas de contaminação ameaçaram a vida da população de forma dramática devido ao fato de que parte significativa da população se recusou a tomá-la e a consequência é que muitas vacinas vencidas foram jogadas no lixo ou doadas aos países pobres.

Estes exemplos indicam que a geopolítica sanitária possui os seus entraves; afinal, ter a capacidade de produzir a vacina não significa necessariamente a imunização completa de sua população. Assim, a desinformação é algo a ser considerado, pois tem poder de gerar vulnerabilidades. As redes sociais e suas bolhas virtuais possuem a sua responsabilidade no computo de doentes e mortos. As bolhas não intercomunicantes, sedimentadas pela segmentação de usuários na rede, que possui as suas configurações políticas e estratégicas.

A ameaça está ao seu lado: está em sua esposa, filho, sobrinho, tio, tia ou amigo. Tão letal quanto uma granada de mão e seus estilhaços, atinge a todos de forma invisível, mas mortal. Impressionante como o coronavírus reafirmou que o mundo é desigual e que a solidariedade global para lidarmos com o vírus foi o nosso maior desafio, sobretudo foi o motivo de tantas mortes que poderiam ser evitadas, se funcionássemos em uma cadeia global de ajuda mútua. Países como Estados Unidos agiram de forma unilateral e perderam a oportunidade de exercer uma liderança global no combate ao vírus e contando com a Comunidade Europeia ao seu lado.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRAKIS, Fredy. Os EUA entre o nacionalismo e a diplomacia da vacina. *In: NEXOJORNAL*, 30 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/30/Os-EUA-entre-o-nacionalismo-e-a-diplomacia-da-vacina>. Extraído em: 30 out. 2021

BERTONI, Estevão. Por que a Europa voltou a ser o epicentro da pandemia de covid-19. *In: NEXO*:, 05 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/11/05/Por-que-a-Europa-voltou-a-ser-o-epicentro-da-pandemia-de-covid-19>. Extraído em: 07 nov. 2021

CRIADORES da vacina russa Sputnik V criticam 'preconceito' de comissário europeu. *In: Estado de Minas/AFP*: 22 de março de 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/03/22/interna_internacional,1249206/criadores-da-vacina-russa-sputnik-v-criticam-preconceito-de-comissario-eu.shtml. Extraído em: 30 out. 2021

CRISE para quem? Grandes corporações lucraram bilhões durante a pandemia. *In: OXFAM Brasil*: 21 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/blog/crise-para-quem-grandes-corporacoes-lucraram-bilhoes-durante-a-pandemia/?gclid=Cj0KCQiAhMOMBhDhARIsAPVml-EVVstfPN2fs2x7hVULMeKh6wNLGr5CWXDsl8tg3NbfXjJoTqZczoaAnBoEALw_wcB. Extraído em: 15 nov. 2021

“EUA jogaram mais de 1 milhão de doses de vacina no lixo, diz NYT”. *In: PODER 360*, 02 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/eua-jogaram-mais-de-1-milhao-de-doses-de-vacina-no-lixo-diz-nyt/>. Extraído em: 15 nov. 2021

FGV: renda do brasileiro fica abaixo de R\$ 1 mil pela primeira vez em dez anos. *In: IG Mail Economia/Agência Globo*, 16 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.ig.com.br/mails/economia/fgv-renda-do-brasileiro-fica-abaixo-de-r-1-mil-pela-primeira-vez-em-dez-anos-2021-06-16>

<https://economia.ig.com.br/2021-06-15/renda-brasileiro-pandemia.html>. Extraído em: 15 nov. 2021

FONSECA, Alexandre Henrique Martins. **O Apartheid Vacinal: desigualdade e vacinação no mundo.** Disponível: <http://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/?p=177>. Extraído em: 15.11.2021

SEREZA, Haroldo Ceravolo. As vacinas e a geopolítica da vacinação. *In: Opera Mundi*, 13 de março de 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/68867/as-vacinas-e-a-geopolitica-da-vacinacao>. Extraído em: 30 jan. 2021

SUÑE, Rodrigo & DEL PRETTI, Giovani. Geopolítica da vacina e luta anti-imperialista. *In Brasil de Fato*, 15 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/15/artigo-geopolitica-da-vacina-e-luta-anti-imperialista>. Extraído em: 26 out. 2021.